

ENTREVISTA COM ALFREDO BRITTO

AN INTERVIEW WITH ALFREDO BRITTO

Alfredo Luiz Porto de Britto é arquiteto formado pela Universidade do Brasil (1961), atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também atuou como professor (1973-2005). Desde 2002, atua como professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). É autor de vários projetos, como o da restauração do conjunto arquitetônico do Arquivo Nacional e de restauração do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, o Pedregulho, e de livros, como *Arquitetura moderna no Rio de Janeiro* (1991), junto com Alberto Xavier e Ana Luiza Nobre, e *Paisagens particulares* (2000), com Felipe Taborda e Tom Taborda. Foi também curador da exposição *Rio jamais visto* (1998) no Centro Cultural Banco do Brasil.

Acervo. *Vamos começar por sua formação e trajetória profissional.*

Alfredo Britto. A minha formação foi na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que na época chamava-se Universidade do Brasil, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU). A sede da FAU era na Praia Vermelha, um campus interessantíssimo, muito conveniente para o convívio. E isso teve uma influência muito forte na formação de todos nós, porque havia uma troca não só com os alunos da mesma unidade, mas das outras unidades, com o pessoal de geografia, com o pessoal de letras, o que favorecia uma visão mais abrangente, democrática e uma participação mais coletiva, mais política, no sentido de integração e defesa dos interesses da sociedade. Sem dúvida alguma esse fato contribuiu para isso. E também o curso tinha uma estrutura de turmas, era por ano, não era por disciplina, quando você faz crédito. A turma tinha um sentido mais coletivo.

Acervo. *Isso foi em meados dos anos 1950?*

Alfredo Britto. Segunda metade dos anos 1950. Eu estudei exatamente de 1955 a 1961. No final da minha passagem estudantil pela faculdade houve um movimento de um grupo de

alunos e professores para transferir a faculdade para o Fundão. Eu me coloquei contra porque tinha certeza que aquilo era uma aventura. Não havia condições físicas para a mudança. A faculdade não estava terminada, não havia infraestrutura adequada, não havia transporte. E foi isso o que aconteceu. A mudança para o Fundão durante anos foi um sacrifício enorme para todas as pessoas que trabalhavam lá. Não havia transporte, pois as pessoas eram largadas na avenida Brasil e dependiam de carona solidária. Felizmente, eu já terminara o curso. Ainda fiz o exame final e fui buscar meu diploma lá no Fundão, mas o curso eu fiz integralmente na Praia Vermelha. Isso foi muito importante para nós, porque vivíamos de forma muito intensa a transformação que atravessava o Brasil no início dos anos 1960, o movimento espontâneo da sociedade na transformação cultural por meio do Cinema Novo no cinema, da Bossa Nova na música, do teatro, da literatura e também da arquitetura. O que estava se discutindo era a transformação de uma visão da arquitetura que atendia a clientes particulares para uma visão mais coletiva, que implicava um novo papel da arquitetura na vida da sociedade.

Aquele momento, entre o vestibular e a faculdade, foi muito importante, porque foi também o meu primeiro despertar para a questão cultural e a questão da sociedade. Durante o vestibular eu fiquei amigo de pessoas que tinham uma formação cultural muito forte, principalmente os colegas judeus. Eles conheciam o Teatro Municipal, tinham lido não sei quantos autores. Tinha gente já direcionada, como o João das Neves, que ainda é meu amigo. Ele não fez vestibular comigo, mas foi um amigo dessa época que se dedicou ao teatro e hoje é um dos nomes mais importantes do teatro brasileiro. Luiz Paulo Conde, por exemplo, que foi prefeito aqui desta cidade, com quem eu prestei vestibular e logo nos tornamos amigos, tinha uma formação musical muito forte, que me influenciou bastante. Assim, quando entrei para a faculdade, eu queria fazer tudo, balé, teatro, cinema. No primeiro ano, eu fundei uma coisa que não existia aqui no Rio de Janeiro, um cineclube em uma faculdade. E foi importantíssimo. Eu tinha um amigo, do curso de direito, que também fundou um cineclube na faculdade, no Caco. Éramos muito próximos, discutíamos, víamos, fazíamos muitas coisas juntos. E dois anos depois ele se suicidou, foi uma coisa chocante para mim. Nós fundamos os primeiros cineclubes, o primeiro na Faculdade de Direito e outro na Faculdade de Arquitetura. A gente passava o grande cinema da época, o cinema neorrealista italiano, o cinema francês. Eu também conseguia curtas-metragens nas embaixadas do Canadá, da França, dos Estados Unidos, da Inglaterra, o que tinha disponível na época. Nesse período não tinha vídeo, era rolo de filme. E eu passei coisas extraordinárias sobre pintura, arquitetura, música... Foi muito interessante. Nós criamos, também na faculdade, no diretório acadêmico, uma revista de arquitetura, uma experiência muito rica que contou com a contribuição de vários pensadores de arquitetura da época.

Minha vida profissional também começou ainda na faculdade. Não era obrigatório, como é hoje, estagiar em escritório para iniciar a vida profissional. Mas procurei logo cedo trabalhar, até porque eu também precisava. Perdi meu pai aos quinze anos, e como órfão de pai e único filho, já que minhas três irmãs eram casadas, fiquei com a minha mãe e tive que sustentar a casa. A morte do meu pai nos pegou de surpresa, e foi uma coisa um pouco

trágica para minha família, tanto que eu tive que trabalhar imediatamente após entrar para a faculdade. E então fiz um concurso público para desenhista do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (Inic), que na época era dirigido por integralistas. Por conta disso, não tinha muito tempo para trabalhar em atividades de arquitetura, mas assim mesmo eu comecei a fazer estágio. Fazia concurso para projetos, desenhava para outros projetos, trabalhava de noite, fazia o que podia para não perder esse contato.

Acervo. *Qual foi seu primeiro grande contato com a cidade em termos de intervenção? Nesse período a cidade passou por grandes transformações, não?*

Alfredo Britto. É, mas eu não tinha muito contato com a cidade. Nessa época não. Minha ligação era do ponto de vista cultural e do ponto de vista político. Nesse momento, eu tive uma crise porque a minha formação foi toda católica. Eu estudei em colégio católico desde garoto, no Notre-Dame, que era misto na época. Depois fui para o Colégio Santo Inácio, estive interno um ano no Colégio São José e, em seguida, fui para o Colégio Santo Agostinho. Quando entrei na faculdade, descobri um outro lado da vida. Eu era amigo de infância de Leandro Konder, de Rodolfo Konder, seu irmão, e de Ivan Junqueira, todos meus vizinhos. Era amigo deles desde os sete anos de idade, mas nunca tive contato político. Quando entrei na faculdade, comecei a conversar com Valério Konder, pai dos meninos, e passei a ter outra visão do Partido Comunista Brasileiro, e uma indignação com o catolicismo. Então, nesse momento foi esse contato cultural e político. Não tinha noção da cidade ainda.

Acervo. *Quando é que você teve contato com a cidade?*

Alfredo Britto. Eu acho que comecei a ter contato com a cidade através da música.

Acervo. *Da música?*

Alfredo Britto. É, porque teve um fato muito curioso. Após o falecimento do meu pai, eu tive que ficar em casa um ano, pois naquela época ainda guardava-se luto. Não ia ao cinema, não podia jogar futebol, que era minha paixão. Eu jogava futebol todos os dias. No luto, não podia ter esses prazeres. Então devia ficar em casa com uma tarja preta na roupa. Foi quando descobri o rádio e comecei a ouvir um programa de música americana. Fiquei apaixonado por Frank Sinatra, Nat King Cole etc. Pelo Nat King Cole eu conheci o jazz e do jazz, o choro, e conheci Pixinguinha, Jacob... E até hoje eu tenho uma ligação muito forte com o choro. Através do choro comecei a frequentar as rodas de choro, que na época eram no subúrbio. Passei então a ver um outro lado do mundo, da própria cidade, e vi que a cidade era muito mais múltipla. Naquele momento, início dos anos 1960, também começou a surgir uma mudança na arquitetura, de atendimento às solicitações de caráter individual para as coletivas, para uma arquitetura de caráter social, com preocupação com a habitação e a cidade. Então passei a ver a cidade de uma forma diferente. Trabalhava no Centro e tinha contato com o subúrbio através do choro. Depois me liguei ao samba e às escolas de samba, fui de diretoria de escola de samba, e atuei como jurado de desfiles de escolas de samba por vários anos. Adquiri um ponto de vista da cidade, conheci uma população que passava o ano inteiro

envolvida com o trabalho comunitário, com o carnaval que se transformou muito. Na época era uma coisa impressionante, pois a cidade toda se envolvia com escolas de samba e elas tinham uma participação social muito grande, representavam um trabalho especial, uma convivência e solidariedade que eram algo extraordinário. Emocionei-me muito e me envolvi demais com aquilo. E isso me proporcionou outra leitura da cidade. Foi a partir dessas experiências que tive contato com a cidade e não pela Faculdade.

Acervo. *É curioso porque naquele momento a cidade passava por inúmeras transformações, como a construção do Aterro do Flamengo, do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, conhecido como Pedregulho, um projeto premiado e reconhecido internacionalmente. Não se falava sobre isso na universidade?*

Alfredo Britto. Muito pouco. A universidade estava completamente dividida, com professores que tinham uma preocupação predominante em criticar e destruir as imagens de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, e outros poucos, alguns mais jovens, voltados para o moderno; dentre esses um foi meu guru, Paulo Santos, que tinha uma visão diferente, de vanguarda, moderna, que trazia casos brasileiros aliando a defesa das raízes, da tradição com o movimento moderno e transformador. Mas, só fui ser aluno do Paulo Santos no final do curso. E tinha também uma dificuldade de informação; a informação disponível era muito precária, não era como hoje que você encontra tudo com facilidade na internet. Na época, a gente dependia de um amigo que viajasse, trouxesse um livro, que comentasse alguma coisa, que emprestasse, porque não era fácil comprar revistas e livros estrangeiros. Não só não era fácil encontrar, como também a gente não tinha dinheiro para tanto. Então era uma formação precária em vários sentidos. E você vê que nós já estávamos há trinta anos da passagem do Le Corbusier pelo Brasil, da construção das sedes do Ministério da Educação e Saúde e da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Acervo. *Quando é que você começou a intervir na cidade e não apenas lê-la?*

Alfredo Britto. Eu acho que comecei a intervir na cidade nos anos 1960, ainda estudante, por todas essas questões com as quais eu me envolvi. Nesse período, me envolvi também com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB). Ocupei o cargo de secretário no IAB aqui do Rio de Janeiro, quando Maurício Roberto era o presidente, e lá comecei a discutir a cidade. Foi exatamente nessa época que comecei a pensar a cidade.

Acervo. *Maurício Roberto chegou a ser diretor da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), não foi?*

Alfredo Britto. Ele foi o fundador e primeiro diretor da Esdi.

Acervo. *E você conheceu a Esdi nesse momento?*

Alfredo Britto. Não, só tive notícias.

Acervo. *Nem Aloísio Magalhães?*

Alfredo Britto. Aloísio foi meu amigo. Nós éramos muito amigos, mas eu não me envolvi com a Esdi. Em 1961, como secretário do IAB, fui procurado por três amigos estudantes que queriam fazer uma revista. Como eles não tinham condições de fazer isso, queriam saber se o IAB encampava a ideia. Com outro arquiteto, já falecido, o Maurício Nogueira Baptista, fizemos a *Revista de Arquitetura*, que existiu até 1972 e era distribuída gratuitamente para todos os arquitetos do Brasil. A linha dessa revista era discutir o planejamento urbano e a cidade. Então nesse momento passei a ter outra compreensão de cidade, uma leitura diferente da cidade. Não tinha formação nem informação para fazer isso, mas Maurício Roberto tinha. Fomos os pioneiros nessa questão da divulgação porque a *Revista de Arquitetura* abriu uma outra visão do papel do arquiteto e do papel da arquitetura em relação à cidade. E aí eu comecei a me ligar, junto com a minha vivência nos subúrbios, ao Rio de Janeiro, com a cultura do Rio de Janeiro.

Ainda nos anos 1960 abri meu escritório. Logo quando me formei, fiz uma dupla com outro arquiteto, o Joca Serran, um irmão de vida muito ligado ao planejamento. Fizemos uma sociedade e depois fundamos um escritório com um terceiro parceiro, o Claudius Ceccon, e uma visão de planejamento da cidade. A ditadura fez uma coisa equivocada para tentar resolver o problema da habitação de caráter social, ao criar o Banco Nacional de Habitação (BNH). E o BNH, pressionado pelos arquitetos, criou uma agência chamada Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (Serfhau), voltada para o problema de planejamento da cidade, que instituiu uma norma, que depois virou lei, para que todos os municípios com mais de vinte mil habitantes tivessem um plano-diretor. E no Brasil não havia quem produzisse. Não havia essa cultura, não havia formação, era um terreno novo. Para aproveitar a situação, todo mundo procurou prefeitos para pegar projeto, foi uma produção de papel monstruosa. Mas, nós tínhamos uma experiência, tanto Joca Serran quanto eu, de planejamento e aí criamos o GAP (Grupo de Arquitetura e Planejamento), para projetar e planejar cidades. Fizemos vários projetos. Então essa foi minha ligação profissional com a cidade. Primeiro tive uma ligação de sensibilidade e depois profissional.

Acervo. *E como é que você chegou à questão do patrimônio?*

Alfredo Britto. Eu cheguei por meio do Paulo Santos. Ele era o mestre da cadeira de história da arquitetura no Brasil desde o Descobrimento até a atualidade, e eu o substituí, e passei a ser o professor de história da arquitetura no Brasil do século XIX à contemporaneidade, quando ele se aposentou. Não imediatamente, mas quando ele se afastou, a cadeira passou para Augusto Carlos da Silva Telles, que foi uma figura importantíssima na minha vida, na arquitetura, e para a preservação de nosso patrimônio histórico. Mas Augusto foi chamado para assumir a superintendência do Iphan. E aí ele me telefonou e pediu para substituí-lo. Disse-lhe que não tinha prática, não tinha como aceitar uma coisa dessas. Mas ele insistiu e disse que já tinha me visto dar cursos no Museu de Arte Moderna, no Museu Histórico Nacional, que eu tinha feito uns cursos muito interessantes, inovadores. Como ainda estávamos na metade do ano e eu assumiria as aulas em março do ano seguinte, comecei a me preparar, a estudar. Peguei todo o material do Paulo Santos, assumi a cadeira e dei aulas por

trinta anos na UFRJ, de história e de projeto. Foi quando me liguei ao patrimônio, dando aula de história e também por ser muito amigo de Aloísio Magalhães, que foi diretor do Iphan a partir de 1979. Aloísio me contratou para fazer alguns trabalhos na área de patrimônio. Nunca entrei para a estrutura do Iphan, mas fiz alguns projetos para a instituição. E desde essa época começou essa ligação. Depois mais ainda, quando foi formada a estrutura municipal do patrimônio e criado o Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro, para o qual eu fui chamado, lá permanecendo por oito anos. Depois fui chamado para compor o Conselho Estadual de Tombamento, onde estive por onze anos.

Acervo. *Quando você conheceu o Ítalo Campofiorito?*

Alfredo Britto. Com Ítalo tive outra ligação, muito curiosa. Eu fui a Brasília, para conhecer a construção de Brasília. Até dias desses fiquei emocionado de ver na televisão a construção do Congresso, toda a estrutura metálica sem nada. Estive lá, subi em uma prancha até o vigésimo sétimo andar daquela estrutura, amarrado em uma corda. Inesquecível. Bom, quando eu cheguei a Brasília, não havia nada, nem hospital, nem hotel, nem restaurante. Era poeira e só. E aí Oscar Niemeyer disse que eu ia ficar na casa de um arquiteto, pois ele morava sozinho, e havia espaço. Era o Ítalo. E ele me acolheu praticamente por dez dias em sua casa e nos tornamos muito amigos até hoje.

Acervo. *Ele também ficou muito tempo nesses conselhos, não foi?*

Alfredo Britto. Sim. Ele é uma figura que tem uma trajetória importantíssima ligada ao patrimônio.

Acervo. *E os seus projetos para a cidade do Rio de Janeiro? Que projetos você acha que te associam à cidade? Projetos não apenas no sentido físico, mas coisas das quais você participou.*

Alfredo Britto. Eu participei de muitas coisas... E com um bairro também...

Acervo. *Depois falaremos de Santa Teresa.*

Alfredo Britto. Primeiro, com a questão da defesa do patrimônio. O Palácio Monroe, que foi uma luta muito grande. Na época liderei, através do IAB, um movimento em defesa do Palácio Monroe. Foram muitos embates, muitos conflitos, porque houve um racha no Conselho Municipal de Urbanismo entre Paulo Santos e Lúcio Costa. O parecerista do Conselho para a questão da preservação do Monroe foi Paulo Santos, que fez uma defesa brilhante por sua permanência. Mas Lúcio Costa se colocou contra o parecer, se colocou a favor da demolição, e o jornal *O Globo* também fez uma virulenta campanha a favor da demolição. E nós nos mobilizamos, tentamos trazer a OAB, o Clube de Engenharia e várias entidades, mas não conseguimos manter o Palácio Monroe.

Há várias outras histórias. Tem um episódio pontual, que significa muito para essa questão da cidade e do patrimônio, que é o Castelinho do Flamengo. Era um sábado, e me ligou um amigo, Nilton Sá, que foi um pintor, do grupo que revolucionou o carnaval do Salgueiro, do qual eu participei e “virei Salgueiro” por causa disso. Era uma ligação muito

forte, com Nilton Sá, Arlindo, Fernando Pamplona. Bom, Nilton me telefonou e disse que tinha um monte de operários no Castelinho e que estavam com tudo para demoli-lo. Ele me perguntou o que se poderia fazer e eu respondi que ia pensar. E me lembrei logo de dois amigos, que, com a abertura democrática, tinham acabado de ser eleitos vereadores, que eram Sérgio Cabral e Maurício Azêdo. Liguei para eles e perguntei o que a gente podia fazer. Cabral deu logo a ideia de chamar Albino Pinheiro, que era nosso companheiro, fundador da Banda de Ipanema. E Albino resolveu levar uma banda. E aí fomos, Albino, eu, Sérgio e Maurício para a porta do Castelinho. Quando chegamos lá, Albino começou a falar com os operários, dizendo que eles eram criminosos, que não podiam fazer isso, ordenando para pararem imediatamente, dizendo que eles seriam presos etc., e a banda tocando na rua. Como era um sábado de verão, muitas pessoas passavam para ir para a praia e a gente perguntava o que elas achavam da demolição do Castelinho. E havia uma divisão, alguns o achavam bonito, outros, horroroso, diziam que lá viviam muitos usuários de drogas. E a gente conseguiu movimentar o negócio e os operários pararam. Nesse momento, eu estava no Conselho Municipal de Patrimônio e na segunda-feira fizemos uma reunião com a presidente, que era a Zoé Noronha Chagas Freitas; ela ligou para o prefeito Júlio Coutinho. Ele atendeu a Zoé e marcou uma reunião. Pelo meu envolvimento fui designado a defender o Castelinho, o que fiz acentuando para o prefeito seu significado para a arquitetura e para a cidade. A ideia da prefeitura era demolir o Castelinho e abrir uma outra via para os carros, o que não tinha nenhum sentido. O prefeito atendeu e ligou para um secretário, pedindo para parar a demolição.

Acervo. *Vocês salvaram o Castelinho.*

Alfredo Britto. Salvamos o Castelinho. Desse tipo de intervenção eu tive várias participações. E também defender, no Conselho e em outros movimentos, a cidade de certas transformações que eram danosas. Esperávamos que não ocorressem, mas quase sempre fomos derrotados. Mas essa história do Castelinho foi interessante, sobretudo no sentido de movimentar espontaneamente a sociedade.

Acervo. *Falando em movimentar a sociedade, e Santa Teresa?*

Alfredo Britto. Santa Teresa foi um caso de descoberta e de afetividade. Na realidade, a minha ligação com Santa Teresa é curiosa. Após a minha primeira separação, eu não tinha recursos para montar outra casa, mas tinha que ir para algum lugar. Santa Teresa era um bairro muito barato em relação a Ipanema. Então resolvi dar uma passada por lá e fiquei impressionado com a qualidade do lugar, os panoramas, o clima gostoso, a afabilidade do pessoal. Descobri uma vida de cidade do interior dentro da cidade do Rio de Janeiro. Acabei alugando um apartamento lá e imediatamente me apaixonei pelo bairro e comecei a mapeá-lo, suas entradas e saídas. Na época eu contei 32 entradas e saídas. O bairro era um espetáculo.

Acervo. *Todos os caminhos levam a Santa Teresa.*

Alfredo Britto. Pois é, em Santa Teresa a gente podia se conectar com a cidade inteira. E era tudo muito fácil na época, eu ia para a Tijuca em 15 minutos. Teve um período, quando eu

tinha um escritório junto com Maurício Roberto, em Botafogo, que acordava às seis e meia da manhã, ia para Ipanema, nadava e caminhava na praia, voltava, me arrumava, lia o jornal e chegava ao escritório às oito e meia. Santa Teresa foi uma descoberta e eu passei a me ligar profundamente com o bairro. Nos anos 1970, que foi o período mais intenso da especulação imobiliária, do ataque à cidade pelo negócio imobiliário, facilitado pela conivência da administração pública, apareceu um grande investidor, a maior construtora da época, que se chamava Sérgio Dourado, juntamente com outra, a Gomes Almeida Fernandes, e começaram a colocar placas em Santa Teresa: “vende-se”, “compra-se”. Corri para a administradora da região administrativa, com quem me dava muito bem, e perguntei se ela tinha visto o que acontecia no bairro e ela respondeu: “Puxa, é o progresso! Santa Teresa agora vai!”. E eu disse: “Não senhora! É exatamente o contrário!”. E expliquei a necessidade de parar esse processo, indagando se ela imaginava uma casa se transformando em um prédio com vinte pavimentos com vinte automóveis, vinte esgotos. Nenhuma rua suportaria. Comecei a fazer uma campanha em Santa Teresa. Aí um engenheiro da prefeitura, que foi muito importante para esta cidade, o José de Sousa Reis, entendeu a situação e conseguimos encaminhar uma lei que parava esse processo. E começamos a estimular essa legislação. No começo dos anos 1980, com a abertura democrática, o vereador Sérgio Cabral (pai) teve participação fundamental em Santa Teresa, pois elaborou uma lei que é a primeira APA, que era área de preservação ambiental e hoje se transformou em Apac, área de proteção do ambiente cultural. E a primeira foi Santa Teresa. A lei deveria ser regulamentada em seis meses pelo prefeito Marcello Alencar, mas em seis meses nada havia sido feito. Inclusive o Sérgio me nomeou o representante da comunidade nesse processo de regulamentação. A gente chegou a entrar com um pedido de impeachment de Marcello Alencar por ele não ter elaborado e aprovado a regulamentação; mas logo depois disso fizeram a regulamentação. E com ela foram definidas as regras para a ocupação e construção no bairro.

Também participei do grupo que fundou uma Associação de Amigos do Bonde, da criação da Associação de Moradores e Amigos de Santa Teresa, a Amast, que existe até hoje. E depois tive participação muito importante nos anos 1980, quando a violência se expandiu por toda a cidade e subiu para Santa Teresa. Eram tiroteios, assaltos, roubo de carros e acabaram assassinando uma professora, nossa amiga, na porta de casa, às seis e meia da manhã. Na missa de sétimo dia o pessoal decidiu fazer alguma coisa e então nos reunimos na casa da jornalista Renata Bernardes. Foram doze pessoas, e decidimos criar um movimento, o Viva Santa. Fui indicado para presidente do Viva Santa. Fizemos outras reuniões e esse movimento foi muito importante, tanto que conseguimos mudar a estrutura da delegacia, que era conivente com a violência. O chefe do bando que roubava carros era um policial militar, enfim, várias questões estavam relacionadas à delegacia. Conseguimos que se criasse um destacamento do batalhão para o bairro, que existe até hoje, e tudo isso se desdobrou em uma coisa muito interessante do ponto de vista da vida da cidade.

Nesse momento, um casal de artistas me contou uma experiência por eles vivenciada na Inglaterra. Todos os domingos, em Oxford, os artistas abriam seus ateliês, vendiam comidas, bebidas, e as pessoas iam visitar e conhecer sua produção. Então havia uma troca, uma con-

vivência com essa sociedade. E nós do Viva Santa pensamos em fazer isso aqui, porque havia alguns artistas residentes em Santa Teresa. Liderei esse movimento e descobrimos que havia muito mais de dez artistas. Marcamos uma reunião e criamos o Arte de Portas Abertas, que teve uma adesão pequena, porque as pessoas tinham muito medo de abrir a porta de casa das 11 da manhã às oito da noite. Era uma coisa absolutamente espontânea, não envolvia prefeitura, nada. E aí foi um sucesso, não houve qualquer acidente, nada que atrapalhasse. Foram dezessete artistas no primeiro evento, sendo que dois aceitaram dar o número de telefone para que as pessoas ligassem antes de ir. Foi um sucesso enorme e é até hoje.

Acervo. *E hoje existe também em outros lugares, no Morro da Conceição, na Providência...*

Alfredo Britto. Sim, em Curitiba, no Paraná. Houve também uma troca entre artistas brasileiros, que foram para Paris, e artistas franceses que vieram para Santa Teresa. No terceiro ano do “Arte de Portas Abertas” outros artistas, poetas, dramaturgos, dançarinos, reclamaram que a gente só privilegiava as artes plásticas e pediram para participar também. E pensamos em fazer outra coisa, que se chamou Festival de Inverno de Santa Teresa. O festival foi um sucesso enorme. Fizemos um palco para shows de música, transformamos o bonde em palco, os restaurantes se envolveram... Foi um movimento muito interessante, que provocou uma renovação. Foi quando Olavo Monteiro de Carvalho me procurou e disse que estava interessado em ajudar na manutenção do festival e trazer o apoio da Prefeitura. Eu disse que o importante para a Prefeitura era não atrapalhar, mas se quisesse ajudar, o que mais precisávamos era uma atenção maior para a parte de segurança. E conseguimos o apoio. O segundo ano desse evento foi também um sucesso, mas mostrou outro lado do bairro e percebemos então que não havia estrutura para um evento desse porte em Santa Teresa. E aí decidimos não mais realizá-lo.

Acervo. *Para finalizar esta entrevista, qual é a sua avaliação da cidade, não só como arquiteto, mas como morador, dessas transformações que acontecem atualmente no Rio de Janeiro?*

Alfredo Britto. Essa questão é complexa. O que acontece, e é muito grave, é que existe uma falta de visão do desenvolvimento, do crescimento da cidade, que na verdade é um problema de todo o Brasil. Dos mais de cinco mil municípios existentes, talvez a gente tenha uns dois por cento de prefeitos que sabem o que querem para a cidade, o que é bom para a cidade, consultam a população... Tudo é feito a partir de interesses políticos e econômicos. A cidade no Brasil está se transformando, mas ainda guarda essa visão de pasto de negócios políticos e econômicos. É muito comum um dirigente, um administrador da cidade, destinar áreas para um determinado vereador ou praticar um loteamento político e econômico. O Rio de Janeiro está vivendo isso. Nós temos uma chance extraordinária de reestruturar o Centro da cidade, mas, veja, por exemplo, o projeto Porto Maravilha. O prefeito convocou três empreiteiras que criaram um plano chamado Porto Maravilha e aí fizeram uma coisa para mim inédita, que foi entregar todo o desenvolvimento e participação desta área para um consórcio, que ficou com a venda da terra, a construção dos edifícios e com o fornecimento futuro de serviços de água, esgoto e telefone. O destino da cidade está, portanto, nas mãos

de interesses particulares. Isso pode até trazer benefícios pontuais, mas estará sempre em função dos negócios e da rentabilidade que possa gerar. Com isso você tem um panorama assustador. Agora mesmo, com a Copa do Mundo, todos os investimentos foram feitos a partir de interesses de grupos específicos, como a própria questão do metrô, que gerou uma grande discussão. É claro que estamos melhores em alguns aspectos. Tem muito dinheiro sendo investido na cidade, nunca teve tanto dinheiro investido como atualmente, mas não são obras que estejam estruturando a cidade para um futuro melhor para sua população. O prefeito não tem essa visão, o que ocorre também em outras cidades como São Paulo. Então, a visão da cidade como organismo, como ela pode se desenvolver, o que é bom para a vida da população, em termos de espaço para convivência, espaço para a troca, espaço para se viver bem, isso não existe.

Acervo. *Você está dizendo que o Rio de Janeiro está deixando de ser carioca?*

Alfredo Britto. Sem dúvida alguma. Mas você também pode ver que matar o carioca é muito difícil e a Copa foi uma prova disso. Com tudo contra, obras inacabadas e que são desconectadas, apareceu o carioca alegre, solidário. Então, matar o carioca é muito difícil, mas a cidade está pressionando para isso.

Acervo. *E aí a gente vai deixar de ir à “cidade” para ir ao “centro”, porque o Rio de Janeiro é uma das poucas cidades que chama o Centro de cidade.*

Alfredo Britto. Sim, a gente sempre chamou o Centro de “a cidade”.

Acervo. *E esses movimentos de recuperação da Pedra do Sal, Largo da Prainha, por exemplo?*

Alfredo Britto. Eles são muito positivos, mas são coisas pontuais e, por isso, desconectadas. Um dos grandes problemas do Rio de Janeiro é o transporte público. É algo criminoso o que se faz com a população diariamente, basta você passar pela manhã na avenida Brasil para ter dimensão disso. E é a grande maioria que sofre com o transporte público, mas o que se tem feito? Um BRT lá, uma linha do metrô aqui, tudo desconectado. O problema do transporte é um problema mundial, mas várias cidades têm adotado uma política de fazer a interligação modal dos transportes. A gente sabe disso. Não se pode ter metrô, ônibus, trem tudo no mesmo lugar. Não pode ser assim, é preciso articular. E tem que se pensar em outras soluções, como a bicicleta. Todos os países estão pensando nisso, mas aqui não. Aqui, a gente faz mais do mesmo, desde que resultem verbas fabulosas. Esse é o nosso problema. Tudo tem sido feito em função de grandes investimentos e rentabilidades.

**Entrevista realizada em 29 de julho de 2014,
por Antonio Edmilson Martins Rodrigues e Angélica Ricci Camargo.**